



EUA / Júri popular condena Derek Chauvin por assassinato em segundo e terceiro graus e homicídio culposo, o que pode resultar em uma pena de até 40 anos. Réu, que estava em liberdade, é preso e deixa tribunal algemado. Casa Branca comemora o veredito

Ex-policial culpado pela morte de Floyd

Gritos ecoaram em meio a abraços de comemoração em frente ao Tribunal de Mineápolis, enquanto, no interior do prédio, o juiz Peter Cahill proferia o veredito: por decisão unânime dos 12 jurados, o ex-policial branco Derek Chauvin foi declarado culpado pelo assassinato do segurança afro-americano George Floyd, morto por asfixia em 25 de maio do ano passado. Duas horas depois, na Casa Branca, o presidente Joe Biden e sua vice, Kamala Harris, celebraram o veredito do caso, que incendiou os Estados Unidos e também causou protestos em várias partes do mundo.

Derek foi condenado nas três acusações apresentadas contra ele — assassinato em segundo e terceiro graus e homicídio culposo. Depois de ouvir o veredito, o ex-policial foi algemado e preso. Ele havia sido detido durante o processo, mas deixou a cadeia mediante o pagamento de uma fiança de US\$ 1 milhão. Os outros agentes que participaram da abordagem a Floyd — Alexander Kueng, Thomas Lane e Tou Thao — serão julgados em agosto.

Banido da polícia após o crime, Derek poderá pegar uma pena de até 40 anos de prisão, segundo analistas, com base em agravantes. A expectativa é a de que a sentença seja anunciada em, no máximo, oito semanas. O ex-agente, que não quis prestar depoimento e se declarou inocente durante o julgamento, poderá recorrer.

“O veredito não trará George de volta, mas este pode ser o momento de uma mudança significativa, um passo gigante na marcha em direção à justiça nos EUA”, ressaltou Joe Biden. Em suas primeiras palavras, ele classificou o “racismo sistêmico” como “uma mancha na alma” do país. “Nós sentimos um sopro de alívio após o veredito de Derek Chauvin”, enfatizou Kamala Harris, primeira a falar. O presidente e a vice instaram os senadores a aprovar uma lei federal contra violência policial que leva o nome de Floyd.

Antes do pronunciamento, o

Scott Olson/AFP



Manifestantes celebram o resultado do julgamento: crime, em maio do ano passado, impulsionou a luta antirracista no país

presidente americano telefonou para os familiares de Floyd para felicitá-los — já havia conversado com eles na véspera. “Estamos todos tão aliviados. Vocês são uma família incrível. Teria adorado estar aí para abraçá-los”, disse-lhes Biden, prometendo levá-los à Casa Branca no Air Force One.

Horas antes da decisão judicial, o democrata ressaltou a relevância das evidências contra Derek. “Rezo para que o veredito seja correto. Em minha opinião, é esmagador. Eu não diria isso se o júri não tivesse se retirado para deliberar”, disse.

O júri multirracial, formado por sete mulheres e cinco homens, deliberou por menos de 11 horas, ao fim de três semanas de julgamento. De máscara, Chauvin, vestindo terno e

AFP



Sem esboçar reação, ex-agente ouve a decisão: sentença em oito semanas

gravata, não demonstrou qualquer emoção ao ser escoltado para fora da sala do tribunal, enquanto o irmão de George Floyd, Philonise Floyd, abraçava os promotores.

“Ponto de inflexão”

O advogado Ben Crump elogiou a condenação do ex-agente branco pelo assassinato de Floyd, que se transformou em símbolo

do combate à violência policial contra os negros. “Esse veredito é um ponto de inflexão na História e envia uma mensagem clara sobre a necessidade de prestação de contas por parte das forças de ordem. Justiça para os Estados Unidos negro é justiça para todos os Estados Unidos!”, disse.

O julgamento ocorreu em meio a altas tensões e protestos diários, reforçados após o recente assassinato de outro jovem negro, Daunte Wright, de 20 anos, nos arredores de Mineápolis. Ele foi morto a tiros no último dia 11 por uma policial branca. Tropas da Guarda Nacional foram mobilizadas na cidade e em Washington, a capital do país, devido a temores de distúrbios.

Na segunda-feira, cerca de 400 manifestantes marcharam na cidade pedindo a condenação de



Este pode ser o momento de uma mudança significativa, um passo gigante na marcha em direção à justiça nos EUA”

Joe Biden, presidente dos EUA

Chauvin, repetindo em coro: “O mundo está olhando, nós estamos olhando, façam o certo”. Nas alegações finais, a acusação exibiu aos jurados trechos do vídeo chocante da morte de Floyd.

“Podem acreditar no que viam”, disse o promotor Steve Schleicher. “Não se tratou de vigilância policial, se tratou de assassinato. Nove minutos e 29 segundos de abuso de autoridade impactante”, insistiu, com o objetivo de desmontar a tese da defesa de Chauvin. “O acusado é culpado das três acusações. E não há desculpa”, disse, por fim.

O advogado de defesa Eric Nelson disse ao júri que Chauvin não usou força ilegal de propósito. “Não foi um estrangulamento”, destacou, justificando as ações de Chauvin e dos outros policiais que mantiveram Floyd no chão. Segundo Nelson, a doença cardíaca de Floyd e seu consumo de drogas haviam sido os fatores decisivos para a sua morte.

Especialistas médicos da promotoria disseram que Floyd morreu devido à falta de oxigênio provocada pelo joelho de Chauvin em seu pescoço e que as drogas não influenciaram. Os policiais que depuseram para a acusação, inclusive o chefe de polícia de Minneapolis, disseram que foi excessivo e desnecessário.

No vídeo, era possível ouvir Floyd, 46 anos, algemado, implorar: “Por favor, não consigo respirar”. As imagens, registradas por pedestres que testemunharam a prisão de Floyd, acusado de comprar cigarros com uma nota falsa de US\$ 20, foram assistidas por milhões de pessoas dentro e fora do país.

OBITUÁRIO

Idriss Déby Itno, 68, presidente do Chade

Recentemente eleito para o sexto mandato, o ditador do Chade, Idriss Déby Itno, morreu, ontem, em consequência de ferimentos sofridos em combate contra os rebeldes no norte do país. Militar de carreira, 68 anos, ele assumiu o poder em 1990, após um golpe de Estado. Foi reconduzido ao cargo no último dia 11, com quase 80% dos votos, segundo os resultados parciais publicados na noite de segunda-feira, poucas horas antes do anúncio de sua morte.

O Exército assegurou que, após um período de transição de 18 meses, serão realizadas eleições “livres e democráticas” no país. Até lá, um de seus filhos, Mahamat Idriss Déby Itno, vai comandar o conselho militar responsável por substituir o presidente. Aos 37 anos, ele é o atual coman-

dante da guarda presidencial.

“O presidente da República, chefe de Estado e comandante das Forças Armadas, Idriss Déby Itno, acaba de dar o último suspiro, defendendo a integridade territorial no campo de batalha. Com grande amargura, anunciamos ao povo chadiano, sua morte, em 20 de abril de 2021”, destacou um comunicado lido pelo general Azem Bermendoa Agouna na televisão pública.

A nota do Exército destaca que o Conselho Militar de Transição vai garantir “a independência nacional, a integridade territorial, a unidade nacional, o respeito dos tratados e acordos internacionais e garante a transição durante um período de 18 meses”. “Uma vez finalizado o período de transição, novas instituições republicanas serão ins-

AFP



O chefe de Estado vota na eleição do último dia 11, em que foi reeleito para o sexto mandato

tauradas para organizar eleições livres, democráticas e transparentes”, completou o informe.

Ontem, após o anúncio da morte de Déby Itno, a Assembleia Nacional e o governo foram dissolvidos, as fronteiras fechadas e um toque de recolher foi instaurado. Enquanto isso, os insurgentes reafirmaram a disposição de atacar a capital, N’Djamena.

Confrontos

Ministros e oficiais de alta patente haviam informado que o chefe de Estado compareceu, no

último fim de semana, à frente de batalha contra os rebeldes, no norte do país. Militares enfrentam os insurgentes, que iniciaram uma ofensiva a partir de sua retaguarda na Líbia no dia das eleições, 11 de abril.

Ainda na segunda-feira à noite, quando a reeleição de Déby Itno foi consagrada, os rebeldes anunciaram, em um comunicado, que ele havia sido ferido, mas a informação não tinha sido confirmada oficialmente. O Exército do Chade havia informado somente que matou mais de 300 rebeldes e que cinco mi-

litares faleceram em combate.

O governo do Chade, na ocasião, assegurou que a situação estava sob controle. Entretanto havia sinais de que algo estava anormal. Ainda na manhã de segunda-feira foram mobilizados tanques nas principais avenidas da capital, o que provocou cenas de pânico em alguns bairros. Horas depois os veículos foram retirados.

Recentemente promovido a marechal, Déby concentrou a campanha eleitoral na “paz e segurança” no país, alegando que seu governo melhorou a situação. O Chade integra uma região conturbada. Entre a Líbia, Sudão e República Centro-Africana, entre outros, é um ator de peso na guerra contra os extremistas do Sahel, para a qual contribui com tropas e armamento.

Em fevereiro de 2019, rebeldes chadianos, que entraram no país a partir da Líbia com a intenção de derrubar Déby, foram

contidos por tropas francesas. Em fevereiro de 2008, um ataque rebelde chegou às portas do palácio presidencial, mas foi impedido na última hora.

O funeral de Déby Itno está marcado para sexta-feira. O corpo do chefe de Estado, que quase sempre contou como apoio internacional, será sepultado em sua região natal no Extremo Oriente.

A França, ex-potência colonial, destacou a importância de uma “transição pacífica” no país. O governo de Emmanuel Macron destacou “a importância de que a transição aconteça em condições pacíficas, em um espírito de diálogo”.

Os insurgentes, porém, não pretendem dar trégua. “Rejeitamos categoricamente a transição (...) e continuaremos a ofensiva”, afirmou Kingabé Oguzeimi de Tapol, porta-voz do grupo rebelde Frente pela Alternância e a Concordância no Chade (FACT).